

O PROFESSOR DE PORTUGUÊS E AS NORMAS

OPINIA

Nair F. Gurgel do Amaral

Os professores de português têm sido os maiores defensores da classe social de prestígio na luta pela conservação de seu veículo de comunicação. Ocorre, porém, que a maioria deles não tem a menor noção do que seja realmente esta norma prescritiva. Para muitos a norma tem sido única, poderosa, repressora, coercitiva e magnânima. Podemos notar, inclusive, um certo preconceito em relação à aplicação das normas. É muito comum ouvirmos professores dizendo:

- "O bom português foi o da época dos clássicos".
- "Só há uma maneira correta de se expressar".
- "Português correto é o de Portugal". Etc, etc...

Se recorrermos a algumas gramáticas, encontraremos definições que passam por concepções estéticas, elitistas, puristas ou naturalistas. Para muitos norma é sinônimo de elegância e beleza, de finura, vernaculidade, tradição, classe de prestígio ou desenvolvimento da Nação ou Povo.

Essas pessoas esqueceram-se de que o ato da fala é criativo e uma língua é o instrumento de comunicação do falante e que ele molda sua fala de acordo com o das pessoas com quem se comunica, ou para bem se ajustar a um grupo social ou para melhorar a posição de seu grupo. O prestígio é o motivo mais poderoso. Uma pessoa só imita alguém que admira. A influência do prestígio é tão grande que, às vezes, o falante não tem possibilidade de chegar a uma posição proeminente se não falar o dialeto padrão. E uma pessoa pode ser prejudicada por causa de sua pronúncia regional.

Linguisticamente essas atitudes são incorretas, porque todos os dialetos são adequados para sua finalidade.

A idéia de variedades corretas e incorretas de uma língua é muito alimentada pelo ensino.

O ensino de português tem sido muito despersonalizador, pois anula uma modalidade em favor da outra. O professor não leva em consideração que as normas flutuam entre o português falado e o escrito, entre o português coloquial e o formal.

A atitude dos alunos, porém, não tem sido muito diferente da dos professores. Acostumados e engajados no sistema, eles reclamam da matéria de Língua Portuguesa (um coisa chata e complicada), contudo se empenham em decorar regras e macetes que os auxiliem no vestibular, ou que lhes garantam uma nota para passar. Mesmo que para isso tenham que usar de outros recursos, que não o do entendimento natural.

O ensino precisa mudar, no entanto sei que nem todos estão preparados para a mudança, mesmo porque mudar incomoda e dá muito trabalho. Muitos têm preferido escorar seu conhecimento em vigas não muito resistentes, do que construir um novo, e fundado em alicerces sólidos e consistentes.

Quando professores e alunos estiverem mais dispostos a encarar as normas como algo que poderá, apenas, auxiliá-los na identificação dos diversos grupos que compõem a sociedade, e que ela é um uso linguístico concreto que representa a atitude dos falantes frente à norma objetiva (uma variedade a mais, dentre outras, destacando-se por ter prestígio, neutralidade e conformidade com a área geo-social), aí então poderemos, de baixo para cima, arrumar uma casa sólida, agradável e possível: A ESCOLA.